Os cuidados para com os mortos

Santo Agostinho

Os cuidados para com os mortos

Santo Agostinho

Análise

Este tratado foi escrito[1] *para responder a São Paulino, bispo de Nola, que tinha perguntado ao autor se a sepultura nas igrejas dos mártires era de alguma utilidade às almas dos mortos. Os mortos mesmos não sofrem quando seus corpos são privados de sepultura. O lugar onde seus corpos são sepultados não lhes beneficia propriamente em nada e só são úteis para estimular a afeição daqueles que rezam por eles. O cuidado em sepultar os mortos vem do sentimento natural de afeto que o ser humano experimenta para com sua carne, mas os santos mártires não foram sensíveis a isto, pois isto é indiferente para a felicidade ou a infelicidade na outra vida. As aparições dos mortos para reclamar uma sepultura. Vários exemplos dessas visões e como elas aconteceram. Os mortos intervêm nos assuntos dos vivos?*

[1] Escrito por volta do ano 421. Ver *Reconsiderações*, Livro II, Cap. 44.

O caso do saque de Roma

01 – Preâmbulo.

Sou seu devedor há muito tempo, caro confrade no episcopado venerável Paulino, pois há muito tempo que você me enviou uma carta através de pessoas da nossa muito religiosa menina Flora, para me perguntar se é útil a uma pessoa morta que seu corpo seja sepultado junto ao túmulo de um santo.

A viúva citada lhe havia feito uma pergunta deste tipo relacionada ao seu filho morto em sua região e você lhe havia respondido com uma carta de consolação lhe anunciando, ao mesmo tempo, que os deveres de sua devoção e do seu amor maternal estavam cumpridos e que o cadáver do fiel rapaz Cinégio estava depositado na basílica do bem-aventurado Félix.

Naquela ocasião, você havia me enviado a carta através dos portadores da carta destinada à viúva. Ao me submeter a questão, você me pedia para que lhe dissesse minha opinião, sem deixar de me dizer a sua.

Em sua opinião, não são inúteis os sentimentos que levam as almas religiosas e fiéis a prestarem esse tipo de cuidados para com os mortos. Você acrescenta, além disso, que não se pode taxar de práticas inúteis o costume universal da Igreja de dirigir súplicas para os defuntos e você acredita poder também concluir disso que é útil a

uma pessoa, depois de sua morte, que a devoção de seus próximos providencie o sepultamento de seu corpo escolhendo um lugar para a sepultura em que pareça se estar pedindo para ele o socorro dos santos.

02 – Os sufrágios beneficiam os que viveram bem.

Isto posto, você apresenta o que diz o Apóstolo: *Teremos todos de comparecer diante do tribunal de Cristo. Ali cada um receberá o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito enquanto estava no corpo*[2] e diz que não vê como este texto possa estar de acordo com nossa opinião, pois esta afirmação do Apóstolo nos adverte que o que pode ser útil após a morte deve ser feito antes da morte e não depois, quando chegou o momento de receber em consonância com o que tivermos feito antes de morrer.

Mas, a solução disso é que há uma maneira de viver pela qual se merece, durante a vida do corpo, que os cuidados dados aos mortos sejam úteis e é neste sentido que os atos religiosos praticados por eles, depois da vida do corpo os ajudam segundo o que fizeram durante a vida do corpo, pois há aqueles que não retiram nenhuma ajuda do que se faz por eles. São aqueles que fizeram tanto mal que são indignos de serem assim ajudados e aqueles que fizeram tanto bem que não precisam deste tipo de ajuda.

[2] 2 Coríntios 5: 10.

Então, é o tipo de vida que cada um levou durante a vida do corpo que é a causa da utilidade ou da inutilidade de todos os pios deveres que se pode ter para com ele depois desta vida. De fato, se não se adquiriu nenhum mérito nesta vida, em virtude do qual esses deveres podem ser úteis, é inútil buscá-los depois.

Assim, por um lado, nem a Igreja e nem as famílias fazem coisas inúteis ao rodearem os defuntos de tantos cuidados religiosos, mas, por outro lado, nem por isso cada um deixa de ser tratado de acordo com o bem ou o mal que tenham praticado durante a vida do corpo e o Senhor retribuirá a cada um segundo suas obras, pois, se os cuidados pios são úteis a alguém depois da morte, é porque esse alguém mereceu.

03 – As orações da Igreja.

Esta curta solução poderia bastar para responder à sua pergunta. Mas eu peço algum tempo a sua atenção para tratar de outras questões que ela levanta.

Lemos no Livro dos Macabeus[3] que um sacrifício foi oferecido para os mortos. Mas, mesmo que não lêssemos nada de semelhante nas antigas Escrituras, temos, sobre este ponto, a autoridade séria da Igreja Católica, evidentemente constatada pelo costume, já que a

[3] Cf. 2 Macabeus 12: 39-46.

recomendação dos mortos tem seu lugar nas preces que o sacerdote dirige ao Senhor Deus em seu altar.

Examinemos com mais cuidado se é de alguma utilidade à alma de um morto que seu corpo seja sepultado. Mas, primeiro, a falta de sepultura dos corpos é causa de um sofrimento ou de um aumento de sofrimento para as almas humanas depois desta vida?

Isto é o que vamos pesquisar, não consultando a opinião comum e geral, mas a luz dos santos livros de nossa religião. Não se pode acreditar, de fato, como se lê em Virgílio, que aqueles que morrem e ficam sem sepultura são expulsos da barca na qual se atravessa o rio infernal.

Sepultos, os que embarcam.

Nem podem algum, se os ossos não descansam,

Montar a margem torva e rouca veia[4].

Que coração cristão poderia sentir atrativo por essas imaginações da poesia e da fábula, quando vemos o Senhor Jesus, para tranquilizar os cristãos que deveriam cair nas mãos de seus inimigos e deixar, ao morrer, seus corpos à mercê dos carrascos, lhes dizer que nem um fio de cabelo de suas cabeças será perdido e exortá-los a não temer aqueles que, depois de terem matado o corpo, não têm mais nenhum poder?[5]

---

[4] *Eneida*. Livro VI, 336-338. Tradução de Manuel Odorico Mendes (1799-1864).
[5] Cf. Mateus 10: 28-31.

Além disso, eu creio já ter falado o suficiente, no primeiro livro sobre **A Cidade de Deus**, para fechar a boca daqueles que atribuem à era cristã a responsabilidade sobre as devastações dos bárbaros e, em particular, sobre o saque recente de Roma, afirmando também que Cristo não veio em ajuda deles nessa aflição.

Quando se dizia a eles que Cristo tinha recolhido as almas dos fiéis, em consideração pelos méritos da fé deles, eles se voltavam para os cadáveres deixados sem sepultura e faziam disso o tema de suas queixas.

Aqui está então o texto completo da minha resposta a esta questão.

04 – O saque de Roma.

No imenso massacre ocorrido durante o saque de Roma, os cadáveres não puderam nem mesmo ser sepultados!

Mas a devoção dos fiéis não se assusta com isso, pois eles sabem que nem mesmo os corpos devorados pelos animais selvagens deixarão de ressuscitar e que nem um fio de cabelo de suas cabeças se perderá. Seria em vão que a Verdade diria: *Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma*, pois, *até os fios de cabelo de vossa cabeça estão todos contados*[6], se todos os maus

[6] Mateus 10: 28 e 30 e Lucas 12: 4 e 7.

tratos possíveis praticados pelos maus sobre o corpo daqueles que mataram pudessem prejudicar no que quer que seja a vida futura.

Haverá um espírito tão absurdo para pretender, com relação àqueles que matam o corpo, que não se deve temê-los antes da morte, porque pouco importa que eles matem o corpo, mas que é preciso temê-los após a morte, para que eles não deixem os corpos assassinados sem sepultura? Então Cristo teria errado ao dizer: *Não tenhais medo daqueles que matam o corpo e depois disto nada mais podem fazer*[7]? Sendo assim, haveria também muitos, neste caso, que maltratariam ainda os cadáveres.

Longe de nós o pensamento de que a Verdade tenha dito uma falsidade. Ela disse, de fato, que eles possuem poder quando matam porque existe o sentimento no corpo que se mata, mas eles não o possuem depois, porque o corpo morto é completamente privado de sentimento.

Assim, muitos cadáveres de cristãos ficaram abandonados e a terra não os recobriu, mas ninguém no mundo pôde tirar um só deles do céu e nem da terra. Da terra que é preenchida inteira pela presença Daquele que sabe como ressuscitar quem ele criou.

É verdade que lemos nos Salmos: *Os corpos de vossos servos expuseram como pasto às aves e os de vossos fiéis, às feras da terra. Rios de sangue fizeram correr em torno de Jerusalém e nem sequer*

[7] Lucas 12: 4.

havia quem os sepultasse[8]. Mas estas palavras provam eloquentemente a crueldade daqueles que cometeram tais crimes, invés da infelicidade daqueles que foram as vítimas. Aos olhos humanos, essas cenas parecem apavorantes e bárbaras, mas, *é preciosa, aos olhos de Deus, a morte de seus santos*[9].

Concluamos então que todos esses deveres para com os mortos __ os cuidados fúnebres, a maneira de sepultar, a pompa das exéquias __ são mais consolos para os vivos do que benefícios para os mortos. Se uma sepultura grandiosa é de alguma utilidade para o ímpio, o pio sofreria então, com um enterro humilde ou até mesmo com a falta de uma sepultura?

Mas, eis que o grande número de servos fez, para o rico, vestimentas de púrpura para funerais esplêndidos aos olhos humanos. No entanto, aquelas feitas pelos anjos para o pobre coberto de chagas foram bem outras aos olhos do Senhor. Eles não o desceram até um túmulo de mármore, mas o ergueram para junto de Abraão[10].

Riem de nós, aqueles contra quem nos propusemos defender a Cidade de Deus e, no entanto, até mesmo seus filósofos fizeram pouco caso das preocupações com suas sepulturas. Frequentemente, exércitos inteiros são pouco cuidadosos com o lugar onde jazerão e com os animais da terra para os quais eles servirão de pasto e seus

---

[8] Salmo 78: 1 e 2.
[9] Salmo 115: 6.
[10] Cf. Lucas 16: 19-22.

poetas puderam expressar esses fatos com uma linguagem não desprovida de razão.

O céu recobre aquele a quem falta a urna[11].

Com muito mais razão devem se abster de tomar a falta de sepultura para os corpos como tema de seus discursos contra os cristãos, aos quais, além de outras, é feita esta grande promessa: essa mesma carne e todos os seus membros serão reformados um dia e, em um instante, eles retomarão, não apenas da terra, mas até mesmo das entranhas mais profundas dos outros elementos, as parcelas dispersas e subutilizadas dos seus cadáveres e sua forma primeira lhes será devolvida, completa e indestrutível.

05 – Porque é louvável sepultar os mortos.

Todavia, isto não é motivo para desprezar e abandonar de qualquer maneira os corpos dos defuntos, sobretudo o dos justos e dos fiéis, que foram como que instrumentos e utensílios utilizados pela alma para realizar todo tipo de boas obras.

A roupa e o anel de um pai ou qualquer outra lembrança semelhante são tão caros aos seus filhos quanto maior foi o afeto por ele quando estava vivo. Por que motivo então serão desprezados os próprios corpos, que são muito mais estreitamente unidos a nós do que qualquer roupa?

[11] Lucanus, *Pharsalia*. 7, 819.

O corpo nos foi dado como um ornamento ou um auxiliar exterior e ele pertence à própria natureza humana. Daí que uma devoção atenta se apressou em prestar aos antigos justos os cuidados fúnebres, celebrar suas exéquias e providenciar sua sepultura. E, enquanto eles viviam, eles mesmos prescreveram aos seus filhos o sepultamento de seus corpos e, às vezes também, seu transporte de um lugar a outro[12].

Foi por sepultar os mortos que Tobias mereceu os favores de Deus. Foi por causa disso que ele foi louvado e até mesmo um anjo deu testemunho dele[13].

O próprio Senhor, que deveria, no entanto, ressuscitar no terceiro dia, divulga e recomenda que se divulgue a ação daquela mulher devota que tinha espalhado um óleo perfumado sobre seus membros e porque ela o havia feito com vistas à sua sepultura[14].

O Evangelho menciona ainda elogiosamente aqueles que tiveram o cuidado de recolher seu corpo da cruz, cobri-lo com um cuidado piedoso e sepultá-lo com honradez[15].

No entanto, estes fatos autorizados não significam que permanece algum sentimento nos cadáveres. Mas eles nos mostram que até mesmo os corpos dos mortos não são estranhos à Providência de Deus, que considera agradáveis esses pios deveres, porque eles servem para estabelecer a fé na ressurreição.

---

[12] Cf. Gênesis 23: 9, 25: 10 e 47: 30.
[13] Cf. Tobias 2: 9 e 12: 12.
[14] Cf. Mateus 26: 6-13.
[15] Cf. João 19: 38.

Há aqui também um ensinamento salutar e podemos ver aqui o quanto são necessárias as obras de misericórdia praticadas com relação aos vivos, que sentem seus efeitos, já que Deus não deixa sem recompensa os deveres e os cuidados prestados aos membros gelados dos mortos.

Há também outras disposições dos santos Patriarcas sobre suas sepulturas ou o transporte de seus corpos e aos quais eles acrescentaram um sentido profético[16].

Mas, aqui não é lugar de tratar disto e os detalhes que acabamos de citar bastam. Retomemos e façamos uma reflexão sobre as coisas necessárias para sustentar os vivos, tais como a roupa e o alimento. A privação delas não se faz sentir sem uma grande aflição e, no entanto, longe de destruir nos bons a virtude da paciência e da tolerância e erradicar da alma a devoção, ela, pelo contrário, os exercita e os torna mais fecundos.

Com muito mais razão ainda, a privação dos funerais e da sepultura comum não pode tornar infelizes aqueles que já moram na paz dos lares invisíveis dos justos. Por consequência, quando, na devastação da grande cidade de Roma e das outras, os cadáveres dos cristãos foram privados dessas honras, isto não resultou, nem numa falta para os vivos que não puderam providenciá-las e nem numa punição para os mortos, que não puderam sentir nada daquilo.

---

[16] Cf. Gênesis 47: 30 e 50: 25.

Isto então foi o que expliquei sobre o sepultamento e esta é minha opinião, formulada no livro **A Cidade de Deus**[17]. Eu o transcrevi aqui porque foi mais fácil copiá-lo do que dizer tudo novamente de outra maneira.

A importância do lugar da sepultura e os cuidados para com os mortos

06 – O benefício de um sepultamento junto a um mártir.

Desta forma, evidentemente é uma obra de pia afeição para com os mortos escolher o lugar de sua sepultura junto aos túmulos dos santos, pois, se é um ato religioso sepultá-lo, será também, sente-se isso, se ocupar com a escolha do lugar do sepultamento.

Mas, ao examinarmos esses cuidados que os vivos têm para com os mortos, para se consolarem e que revelam ao mesmo tempo sua pia afeição por seus próximos, é preciso ver qual é o benefício que os próprios mortos podem retirar deles. Eu só vejo um.

É que, ao se lembrarem do lugar onde esses corpos amados repousam, os vivos os recomendam aos mesmos santos, como que a padroeiros a quem eles os confiam para ajudá-los com suas preces junto a Deus. Ora, podemos fazer isso mesmo que não seja possível sepultar os mortos nesses lugares escolhidos.

[17] Livro 1, caps. 12 e 13.

Mas, por que são chamados de “memoriais” ou “monumentos” esses túmulos memoráveis que são construídos para os defuntos, se não é para evitar que sejam esquecidos, nos corações dos vivos, aqueles que a morte levou embora? De fato, eles despertam nossas lembranças e nos advertem para pensarmos neles.

Isto é o que nos mostra bem claramente a própria palavra “memorial”, bem como a palavra “monumento”. “Monumento” vem de *monere mentem*, que significa advertência. Assim, os gregos chamavam *munemeion*, o que chamamos “memorial” ou “monumento”, porque, em sua língua, a memória ou a faculdade de se lembrar é chamada de *muneme*.

Quando então o coração se volta para o lugar onde repousa o corpo de uma pessoa muito querida e o lugar venerável que leva o nome do mártir se apresenta ao mesmo tempo à mente, aquele que mistura a prece com a lembrança do coração recomenda afetuosamente a alma bem-amada a esse santo mártir.

Ora, não se pode duvidar que esse ato de viva devoção dos fiéis para com os defuntos seja útil àqueles que mereceram, enquanto viviam, receber este consolo após sua morte.

No entanto, quando, por um motivo grave e imperioso, é impossível sepultar os mortos ou sepultá-los nesses lugares, nem por isso se deve deixar de suplicar pelas almas dos mortos. A Igreja tomou para ela a tarefa de fazer isso de maneira geral, para todos aque-

les que morreram na sociedade cristã e católica, mesmo sem identificá-los. Assim, na falta de pais, filhos, próximos ou amigos, esta Mãe terna, única e universal lhes presta esses pios deveres.

Se essas súplicas oferecidas para os mortos por uma fé e uma devoção legítimas vierem a faltar, sou da opinião de que não serviria de nada às suas almas depositar seus corpos privados de vida em qualquer lugar santo.

07 – O que um lugar santo acrescenta à sepultura.

Quando a fiel mãe de um filho falecido desejou ver o corpo depositado na basílica de um mártir, ela se convenceu, certamente, de que os méritos do mártir ajudariam a alma do filho morto. Ora, essa convicção equivale a uma súplica e foi isto o que foi útil ao morto e não qualquer outra coisa.

Essa mãe então vai, com o pensamento, visitar esse túmulo e ela recomenda cada vez mais seu filho em suas preces. Como, com isso, a alma do morto é ajudada? É o lugar do morto que o ajuda?

Não. É o amor vivo de sua mãe que estimula a lembrança do lugar, pois ela pensa, ao mesmo tempo, naquele que ela recomenda e naquele a quem ela recomenda e esta dupla lembrança não motiva em vão essa alma religiosa.

De fato, aqueles que rezam fazem, com os membros dos seus corpos, gestos em harmonia com as súplicas. Eles dobram os joelhos,

eles estendem as mãos, eles se prostram no chão e fazem outros movimentos visíveis semelhantes, embora sua vontade invisível e intenção escondida no fundo de seus corações sejam conhecidas por Deus e ele não tenha necessidade destes sinais para ler nas almas humanas como em um livro aberto.

No entanto, é assim que o ser humano estimula a si mesmo a rezar e a se lamentar com mais humildade e fervor. E, eu não sei como isso acontece, mas, embora esses movimentos do corpo não possam acontecer sem que um impulso da alma os tenha precedido, nem por isso deixa de acontecer que esses mesmos sinais visíveis tornam mais poderosos os impulsos interiores que os causaram e assim o sentimento de afeição que teve que precedê-los para que eles pudessem acontecer se intensifica porque eles foram produzidos.

Todavia, se alguém foi impedido, amarrado mesmo, de uma maneira tal que não pode fazer uso dos seus membros, seu ser interior não deixaria de rezar nele e se prostrar perante Deus em suas profundezas escondidas onde mora a compunção.

Da mesma forma, aquele que dirige a Deus súplicas pela alma de um dos seus que está morto se interessa vivamente pelo lugar onde será depositado o corpo. Um primeiro sentimento de afeição escolhe um lugar santificado e, quando o corpo é depositado nele, a lembrança do lugar santificado renova e aumenta, por sua vez, esse sentimento de amor que o precedeu e produziu a escolha da sepultura.

Mas, mesmo quando essa alma religiosa não pode sepultar aquele que ela ama no lugar de sua preferência, ela não deve arrefecer as súplicas necessárias e deixar de recomendá-lo. Pouco importa o lugar onde jaz ou não a carne do defunto; é sua alma que precisa de repouso.

Quando a alma saiu do corpo, ela levou com ela o sentimento somente pelo qual é possível se interessar pela sorte feliz ou infeliz de alguém. Não é, portanto, desse corpo que ela espera ajuda para viver, porque era ela mesma que o fazia viver e ela levou com ela a vida ao sair dele, assim como ela a devolverá a ele, ao retornar a ele.

Não, não é o corpo que adquire méritos para a alma, mas é a alma que adquire méritos para o corpo. Até o mérito da ressurreição, quando ela o fará reviver, seja para o castigo, seja para a glória.

08 – O lugar da sepultura não tem importância para a vida eterna.

Lemos o seguinte fato na **História Eclesiástica**[18], escrita em grego por Eusébio e traduzida para o latim por Rufino.

Na Gália, corpos de mártires foram jogados para os cães. O que os cães deixaram foi jogado nas chamas, com os ossos e inteiramente consumido. As cinzas, por sua vez, foram jogadas no rio Ródano, para que não restasse nenhuma lembrança deles.

[18] Eusébio de Cesareia. *História Eclesiástica*.

Devemos acreditar que Deus não teve outro propósito, ao permitir essas inacreditáveis barbaridades, que não fosse ensinar aos cristãos que desprezam a vida presente confessando Cristo, a desprezarem também, com muito mais razão, a sepultura, pois, se tais tratamentos dados aos corpos dos mártires fossem um obstáculo ao bem-aventurado repouso de suas almas vitoriosas, seguramente Deus não permitiria isso.

O sentido das palavras do Senhor é dado então pelo próprio fato. Quando ele diz: *Não tenhais medo daqueles que matam o corpo e depois disto nada mais podem fazer*, ele não quis dizer que não lhes restaria nenhum poder sobre os corpos dos mortos, mas que, seja o que for que aconteça a eles, a felicidade dos cristãos defuntos não seria, de maneira alguma, diminuída, que os sentidos daqueles que são cheios de vida após a morte não seria, de forma alguma, afetados e que seus corpos mesmos não sofreriam nenhum dano, ao menos no que diz respeito à integridade de sua ressurreição.

09 – A própria natureza pede respeito e piedade para com os mortos.

No entanto, há um vivo sentimento no coração humano, que é aquele em virtude do qual *ninguém jamais odiou a própria carne*[19].

[19] Efésios 5: 29.

Assim, se alguém vem a saber que depois de sua morte seus corpos serão privados de algum desses cuidados que comporta a solenidade da sepultura em uso em sua família ou em sua pátria, ele se entristece em sua condição de ser humano e teme por seu corpo antes da morte, o que lhes é indiferente depois da morte.

É por isto que Deus, como lemos no Livro dos Reis, ameaça um profeta através de outro profeta de não deixar que seu cadáver seja sepultado no sepulcro dos seus pais, porque ele tinha transgredido suas ordens.

A Escritura conta este fato nos seguintes termos: *Eis o que diz o Senhor: Desobedeceste à palavra do Senhor e não cumpriste a ordem que o Senhor, teu Deus, te havia dado; voltaste e comeste num lugar do qual Deus te dissera: "Não comerás pão ali, nem beberás água". Por isso, teu cadáver não será levado ao sepulcro de teus pais*[20].

Se examinarmos o valor desta punição à luz do Evangelho, veremos que ela nem mesmo merece ser chamada de punição, pois acabamos de ver que, quando o corpo é morto, não há absolutamente nenhum sofrimento a se temer para os membros privados de vida.

Mas, se considerarmos o afeto natural do ser humano por sua própria carne, compreenderemos que ele pode, durante sua vida, experimentar terror e medo diante de coisas às quais ele será insensível

[20] 1 Reis 13: 21 e 22.

depois da morte. Este foi então o sofrimento que o coração do profeta experimentou pelo que aconteceria com seu corpo, mesmo que ele mesmo não sofreria nada quando a punição fosse executada.

Foi nesta medida que o Senhor quis punir seu servo que tinha desprezado, por orgulho, o preceito divino, mas que tinha acreditado obedecer desobedecendo e se deixou enganar pela trapaça alheia[21]. De fato, quando o dente de um animal feroz lhe deu a morte, essa morte não foi aquela que precipita as almas no inferno.

Devemos acreditar nisso quando vemos o leão que o tinha matado guardar seu corpo, deixar intacta sua montaria e esta assistir sem temer esse terrível animal feroz nos funerais do seu dono[22]. Com este sinal extraordinário, reconhecemos que esse homem de Deus foi atingido por uma pena temporária até sua morte, invés de ter sido punido depois de sua morte.

O Apóstolo tem palavras que se relacionam com nosso tema. Depois de ter recordado as doenças e a morte de muitos como punição de certas ofensas, ele acrescenta: *Se examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, sendo julgados pelo Senhor, ele nos castiga para não sermos condenados com o mundo*[23].

---

[21] Cf. 1 Reis 13: 18. *"Mas eu sou também profeta como tu", insistiu o outro. "Ora, um anjo me falou da parte de Javé": 'Leva-o contigo à tua casa e dá-lhe de comer'". Era mentira.*

[22] Cf. 1 Reis 13: 24 *Enquanto caminhava, o homem de Deus encontrou no caminho um leão, que o matou. Seu cadáver ficou estendido no caminho, tendo ao seu lado o jumento e o leão.*

[23] 1 Coríntios 11: 31 e 32.

Aquele que tinha enganado o profeta que mencionamos o sepultou honrosamente em seu próprio sepulcro e ele quis, por sua vez, ser sepultado junto a ele. Ele esperava assim que seus próprios ossos fossem poupados quando se cumprisse a profecia daquele homem de Deus, como aconteceu no tempo de Josias, rei de Judá, que desenterrou naquela região os ossos de um grande número de mortos e os utilizou para poluir os altares sacrilegamente erguidos para os ídolos.

Josias, de fato, poupou o monumento onde repousava o profeta que mais de trezentos anos antes tinha predito esses acontecimentos e, por causa dele, a sepultura daquele que o tinha enganado foi também respeitada[24]. E aquele que tinha dado morte à sua alma através da mentira providenciou assim os cuidados com seu cadáver, movido pelo sentimento em virtude do qual ninguém jamais odiou sua própria carne.

É então por causa desse afeto natural que todos temos por nossa carne que um se sentiu punido ao saber que seu corpo não seria levado até o sepulcro dos seus ancestrais e que o outro teve o cuidado de poupar seus ossos da profanação, se fazendo ser sepultado junto àquele cujo sepulcro não seria violado.

[24] 1 Reis 13: 21-32 e II Reis 23: 16-18

10 – Os mártires venceram também o afeto natural pela sepultura.

Os mártires, ao combaterem pela verdade de Cristo, superaram esse sentimento natural. De fato, não há nada de espantoso em terem dado conta do que não deveriam sentir após a morte, aqueles que não puderam ser vencidos pelos tormentos que sofreram enquanto vivos.

Sem dúvida que Deus poderia dispor de forma diferente dos seus restos mortais. Ele, que permitiu que o leão matasse o profeta, mas não permitiu que ele tocasse seu cadáver e que fez desse carrasco o guardião do supliciado.

Deus tinha mil recursos para afastar os cães dos cadáveres dos seus fiéis, para assustar até mesmo a crueldade das pessoas e impedi-las de ousar queimar os cadáveres e jogar suas cinzas nos rios. Mas ele colocou em seus propósitos que essa prova não fosse poupada àqueles que deveriam passar por todas as provas.

Não deveria ser dito que a coragem dos confessores, intrépidos diante dos cruéis tormentos que deveriam arrancá-los da vida do corpo, empalideceria diante do medo de serem privados da honra de uma sepultura e nem que sua fé na ressurreição temeria ver seus corpos consumidos pelas chamas.

Por fim, haveria ainda uma razão para que se permitissem tantos excessos horríveis que fizeram ressaltar tanta glória. Os mártires, ardentes em confessar Cristo, prestaram assim um testemunho dessa

Verdade que tinha lhes ensinado que aqueles que matassem seus corpos não teriam mais nenhum poder depois disso, que tudo o que eles tentassem contra os corpos mortos seria nada, já que a alma saída dessa carne privada de vida não poderia sentir mais nada e nem o Criador dessa carne perderia nada com isso.

Mas, enquanto os mártires sofriam com uma grande coragem, sem temer nada daquelas sevícias praticadas sobre os corpos daqueles que já tinham sido mortos, um luto imenso entristeceu seus irmãos, impotentes em prestar-lhes os últimos cuidados e em retirar a mínima parte de seus restos da vigilância dos cruéis guardiões. Isto é o que atesta a mesma **História Eclesiástica**[25].

Mas, vejam, é em vão que se dilaceram os membros dos supliciados, é em vão que queimam seus ossos, é em vão que se dispersam suas cinzas, pois nenhuma dor os atinge. E, ao mesmo tempo, um grande sentimento de piedade aflige os corações daqueles que não podem sepultá-los. Eles sentem, por assim dizer, no lugar daqueles que não têm mais nenhum sentimento e a compaixão os inclina para aqueles que já estão isentos de sofrimento.

[25] Eusébio de Cesareia. *História Eclesiástica*. Livro V, Cap. 1.

11 – A Escritura louva a piedade para com os defuntos.

Por causa desse sentimento de piedade compassiva, a Escritura louva o rei Davi, que abençoou aqueles que fizeram aos ossos áridos de Saul e de Jonatã a misericordiosa boa obra da sepultura[26].

Mas, enfim, que tipo de misericórdia se pratica com relação àqueles que estão privados de sentir? Devemos retornar à opinião que pretende que a passagem do rio infernal está proibida aos mortos sem sepultura?

A fé cristã repugna isso e, se fosse assim, aquela imensa multidão de mártires cujos corpos foram privados de sepultura teria sido indignamente tratada e a verdade teria se enganado ao dizer: *Não tenhais medo daqueles que matam o corpo e depois disto nada mais podem fazer*, pois assim teria havido um mal tão grande para com os mártires, que eles teriam sido impedidos de chegar até à morada desejada.

Esta opinião é, portanto, falsa e a recusa de uma sepultura não prejudica os fiéis, assim como a sepultura não ajuda aos infiéis.

Por que então é dito que aqueles que sepultaram Saul e seu filho fizeram uma obra de misericórdia e por que um santo rei os abençoou?

Esta é a razão: o sentimento natural em virtude do qual *ninguém jamais odiou sua própria carne* é a causa de desejarmos que se

[26] Cf. 2 Samuel 2: 5.

cuide do sepultamento dos nossos corpos. É, portanto, dar prova de um bom coração e de uma compaixão louvável lamentar ver um corpo alheio tratado como não gostaríamos que o nosso fosse tratado e prestar às outras pessoas os cuidados aos quais eles são insensíveis, sem dúvida, mas aos quais somos sensíveis por eles, porque desejamos que esses cuidados sejam prestados a nós mesmos, quando também formos insensíveis, por nossa vez.

12 – As aparições de mortos nos sonhos.

Algumas visões relatadas levantam uma questão que me parece útil não negligenciar nesta discussão. Conta-se que, mais de uma vez, mortos deixados sem sepultura apareceram a vivos que ignoravam o fato, lhes mostraram os lugares onde jaziam seus corpos, pedindo-lhes que tomassem as providências para lhes dar a sepultura da qual tinham sido privados.

Responder que são falsas aparições, contra o sentimento de muitos fiéis que escreveram sobre isso, contra a convicção daqueles que afirmam ter tido essas visões, seria dar provas de pouco caso. É melhor dar outra resposta.

Porque os mortos parecem em sonho se ocupar com conversas, indicações, pedidos sobre suas sepulturas, não se pode concluir que eles sentem que são privados delas, pois os vivos também aparecem algumas vezes a vivos adormecidos, sem saber que aparecem e são

estes que lhes contam o que eles sonharam sobre eles e lhes dizem que os viram fazer ou dizer uma coisa ou outra.

Eis então que alguém me viu em sonho lhe mostrar uma coisa que aconteceu ou mesmo lhe predizer o que deve acontecer e eu ignoro isso absolutamente e não me ocupo mesmo em saber não apenas o que o outro sonhou, como também se ele está desperto enquanto eu durmo ou ele dorme e eu estou desperto ou se nós dois dormimos ou estamos acordados os dois, ao mesmo tempo e ele tem um sonho e me vê nesse sonho.

É de se admirar então que mortos, sem saber e sem perceber, sejam vistos em sonho por vivos e lhes dizem coisas que estes reconhecem como verdadeiras ao despertar? Sou levado a atribuir essas aparições às operações angélicas e a acreditar que esses fenômenos se produzem por permissão ou por ordem do alto, já que aqueles a quem pertencem esses corpos o ignoram completamente.

Ora, essas visões são às vezes úteis, seja para propiciar algum consolo aos vivos com a visão em sonho das imagens de seus mortos queridos, seja por recomendar ao gênero humano, com essas advertências, cumprir um dever de humanidade, sepultando os mortos, pois, se a sepultura não é de nenhuma ajuda aos defuntos, ela não pode, no entanto, ser negligenciada pelos vivos sem ofender a religião.

Às vezes também, falsas visões induzem pessoas a graves erros, não sem que elas mereçam. Assim seria a aparição que reproduzisse aquela que a ficção poética atribui a Enéas descido aos infernos. A imagem de um homem privado de sepultura aparece, fala uma linguagem semelhante àquela que tinha Palinuro[27], indica onde está seu corpo, pede e roga que ele seja procurado e que seja sepultado.

Ao despertar, aquele que tivera a visão encontra o corpo sem sepultura no lugar indicado e ele vai concluir, da verdade da indicação, que se sepultam os mortos para que as almas possam penetrar nos lugares de onde são rejeitadas as almas daqueles que ficam sem sepultura, em virtude de alguma lei do inferno que ele sonhou.

A crença em tais fábulas não arrastaria para bem longe do caminho da verdade?

13 – Os casos de Milão e Cartago.

A fraqueza humana é tal que, quando se vê um morto em sonho, imagina-se ver sua alma, enquanto que, quando se vê em sonho uma pessoa viva, acredita-se sem hesitar que não se trata nem de sua alma e nem de seu corpo, mas que foi simplesmente sua imagem que nos apareceu. É como se não pudesse ser assim com as pessoas mortas que, sem que elas saibam de nada, aparecem aos vivos enquanto dormem, não com a própria alma, mas com uma imagem.

[27] Cf. Virgílio. *Eneida*. Livro VI, 350-390.

No tempo em que eu estava em Milão, soube do seguinte fato. Um homem foi reclamar o pagamento de uma dívida de um pai falecido, comprovada por um documento emitido pelo pai. O filho não sabia que o pai tinha saldado a dívida antes de morrer e foi tomado por uma profunda dor e espanto pelo fato de o pai, que tinha feito um testamento no momento de sua morte, não lhe ter falado dessa dívida.

Enquanto ele estava tomado por essa perturbação, seu pai lhe apareceu em sonho e lhe indicou o lugar onde estava escrito o pagamento da dívida. O jovem encontrou o documento, o reproduziu e fez com que fosse devolvido o documento do seu pai que comprovava a dívida e que este tinha deixado de pegar de volta quando tinha saldado sua dívida.

Assim, se acreditou naquele país que foi a alma do homem que se preocupou com seu filho, veio até ele enquanto ele dormia, lhe informou sobre o que ele não sabia e foi assim libertada de uma grande dor.

Mas, quase na mesma época em que ouvi sobre este fato, eu soube de outro caso, que tinha acontecido enquanto eu ainda estava em Milão. Eulógio, retórico em Cartago, que tinha aprendido esta arte em minha escola, me contou pessoalmente este caso, quando retornei à África.

Eulógio, que explicava então aos seus discípulos os livros sobre retórica de Cícero, preparando um dia a lição que ministraria no

dia seguinte, chegou a uma passagem obscura e que não conseguiu compreender. Ele se deitou então, todo preocupado e teve dificuldade para adormecer.

Ora, nessa mesma noite eu lhe expliquei em sonho a passagem que ele não compreendia. Mas não fui eu, foi apenas uma imagem minha, sem meu conhecimento, enquanto eu fazia outra coisa ou sonhava outros sonhos, sem sonhar, seguramente, em me preocupar com o que podia incomodar Eulógio.

Como essas visões aconteceram, eu ignoro. Mas, o que importa? E o que nos impede de acreditar que as coisas se passam da mesma maneira quando são mortos que aparecem ou são vivos? Ou seja, nem um nem outro têm conhecimento ou preocupação com aqueles que veem suas imagens em sonho, nem do tempo e do lugar desses sonhos.

14 – As visões dos doentes mentais.

As visões que acontecem durante a vigília, como entre os frenéticos e as outras pessoas atingidas por todo tipo de loucura que perturba seus sentidos, não são diferentes das visões do sonho. De fato, só estes falam como se tivessem assuntos a tratar com pessoas presentes e eles dirigem a palavra da mesma forma a pessoas presentes e às ausentes, mortas ou vivas, que eles veem em imaginação.

Ora, os vivos não sabem que eles aparecem a esses insensatos e nem que eles conversam com eles. Na realidade, eles não estão perto deles e não conversam com eles. São os sentidos perturbados dessas pessoas que lhes propiciam essas visões imaginárias.

Pois bem! O mesmo acontece com os mortos. Aqueles que deixaram esta vida parecem presentes às pessoas assim predispostas, enquanto que, na realidade, eles estão ausentes e ignoram completamente se alguém os vê em imaginação.

15 – As visões do curial Curma.

Existe outro fenômeno semelhante a este e que é aquele que se produz em certas pessoas que a vida dos sentidos abandona em dados momentos, mais completamente ainda do que durante o sono e que experimentam então visões semelhantes. Elas também veem o aparecimento de imagens de mortos e de vivos.

Ora, quando elas retornam a elas mesmas e contam que viram este ou aquele morto, acredita-se que elas realmente se encontraram com eles. Aqueles que ouvem tais pessoas não pensam que elas viram imagens da mesma forma de pessoas vivas ausentes e que não sabiam de nada sobre isso.

Havia no município de Túlio, perto de Hipona, um pobre curial[28] chamado Curma. Era um camponês dos mais simples e que tinha

[28] *Decurião*: Na milícia romana, oficial que comandada um grupo de dez cavaleiros (Gaffiot e Houaiss).

chegado com dificuldade ao posto de magistrado daquele lugar. Tendo ficado doente, caiu desmaiado e ficou como morto durante vários dias.

Ele teria sido sepultado como privado de vida, se ele não produzisse um leve sopro, mal perceptível ao se aproximar a mão perto das narinas dele. Ele não mexia nenhum membro e não se alimentava. Não importasse o quanto fosse tocado, nenhum dos sentidos do seu corpo era afetado.

No entanto, ele teve visões tais como aquelas que se tem quando se dorme e, depois de vários dias, tendo saído desse estado, ele se pôs a contá-las. Primeiramente, logo que abriu os olhos, ele se pôs a dizer: “Que se vá imediatamente à casa de Curma, o ferreiro, ver o que se passa lá”.

Foram até lá e encontraram esse Curma morto e que tinha morrido na mesma hora em que o primeiro tinha recuperado os sentidos e, por assim dizer, ressuscitado. Então, ele informou à plateia atenta que o outro tinha recebido ordem de comparecer, no momento em que ele mesmo tinha sido dispensado e tinha ouvido, naquele lugar de onde tinha retornado: “Não era para Curma, o curial, mas para Curma, o ferreiro, que tinha sido expedida a ordem de ser conduzido à morada dos mortos”.

Em sua visão, semelhante a um sonho, ele viu também os mortos tratados segundo a diversidade de seus méritos e ele reconheceu lá muitos que ele havia conhecido vivos.

Foram realmente mortos que ele viu? Talvez eu acreditasse nisto se ele não tivesse visto também nessa espécie de sonho várias pessoas que ainda viviam e que eram clérigos de sua região e seu sacerdote. Ele me ouviu, nesse mesmo lugar, lhe dizer que viesse a Hipona ser batizado por mim. O que foi feito, acrescente-se.

Nesse mesmo lugar onde ele viu mortos, mais tarde ele viu também um sacerdote, clérigos e eu mesmo, que não estamos, certamente, mortos. Ora, por que não acreditar que ele viu mortos ausentes, como nós e sem o conhecimento deles, como ele nos viu sem nosso conhecimento e, por consequência, que ele não viu os próprios mortos, mas suas imagens, assim como ele viu também imagens de lugares?

De fato, ele viu também o campo onde estava o sacerdote com os clérigos e Hipona, onde ele acreditava dever ser batizado por mim. Ora, ele não estava presente, certamente, nesses lugares, quando ele se via lá, pois ele não soube do que se passava lá naquele momento e ele teria sabido, certamente, se realmente tivesse estado lá.

O que se vê então nesses estados, não é a presença real das coisas tais como elas são propriamente, mas como que uma sombra e uma representação imagética das coisas.

Por fim, depois de muitas outras visões, esse homem contou que tinha sido levado ao Paraíso e que tinham lhe dito, no momento em que era devolvido aos seus: “Vá se batizar, se você quer estar um dia nesta morada dos bem-aventurados”.

Depois, como o tinham aconselhado a ser batizado por mim, ele respondeu que a coisa tinha sido feita. Mas aquele que falava com ele replicou: “Vá se batizar realmente, pois você só se batizou em sonho”.

Mais tarde, esse homem, curado, vem a Hipona. A Páscoa estava próxima, ele se inscreveu junto com os outros postulantes, sendo desconhecido para mim, como muitos outros e ele não contou sua visão para mim e nem para nenhum dos meus próximos.

Ele foi batizado e, depois dos santos dias, ele retornou para casa. Foi somente dois anos mais tarde, ou mesmo mais, que estas coisas vieram ao meu conhecimento. O primeiro que me falou delas foi um dos meus amigos, que também era amigo dessa pessoa de Curma, um dia em que a conversa à mesa se desenvolvia sobre este tema.

Eu insisti depois para vê-lo e ouvir a narrativa de sua própria boca, em presença de pessoas honradas, seus concidadãos, que atestaram tudo e sua doença estranha, durante a qual ele permaneceu vários dias como que morto e a morte do outro Curma, o ferreiro, que eu mencionei acima e todos os detalhes que ele me deu e que as testemunhas se recordavam e asseguravam tê-lo ouvido contar então.

Para concluir, ele então viu seu batismo, eu mesmo, Hipona, a basílica e o batistério, não em sua realidade, mas numa certa representação das coisas. Ele viu mesmo várias pessoas vivas, sem o conhecimento delas. Por que então ele não teria visto, da mesma forma, os mortos, sem o conhecimento deles?

16 – As almas dos mortos não sabem o acontece com os vivos.

Mas, por que não veríamos aqui as operações angélicas e a dispensação da Providência de Deus, fazendo assim um bom emprego do ministério dos bons e dos maus anjos, segundo a insondável profundidade de seus julgamentos?

Assim, os espíritos mortais seriam esclarecidos ou iludidos, consolados ou atemorizados na medida da misericórdia ou da punição merecida por cada um e fixada por Aquele a quem a Igreja não atribui em vão, em seus cânticos, a misericórdia e a justiça[29].

Vão tomar como bem quiser o que eu vou dizer. Se fosse verdade que as almas dos mortos se interessam pelos assuntos dos vivos e se são elas mesmas que aparecem em sonho, minha terna mãe, só para falar de mim, não me deixaria nunca durante meus sonos. Ela, que me seguiu, durante sua vida, tanto em terra como no mar.

[29] Cf. Salmo 100: 1. *A misericórdia e o julgamento cantarei a vós, Senhor*.

Longe de mim o pensamento de que uma vida melhor a tenha tornado cruel a ponto de não vir consolar a tristeza do seu filho, quando alguma mágoa lhe cerra o coração. O filho que ela ama unicamente e que jamais quis ver aflito!

Mas o Salmo sagrado faz ressoar um cântico cheio de verdade nestas palavras: *Se meu pai e minha mãe me abandonarem, o Senhor me acolherá*[30].

Se nossos pais nos abandonaram, como então os mortos se interessariam por nossas aflições e questões? E, se nossos pais não se interessam por nós, que mortos sabem o que fazemos ou sofremos?

O profeta Isaías diz: *Sois nosso pai. Abraão, de fato, nos ignora e Israel não nos conhece. Sois vós, Senhor, o nosso pai, nosso Redentor desde os tempos passados*[31].

Se esses grandes Patriarcas ignoram a sorte do povo que saiu deles, a posteridade que lhes foi prometida como recompensa pela fé deles, como se pode dizer ainda que os mortos intervêm nos assuntos e nas ações dos vivos, para conhecê-los e participar de suas vidas?

E, em que sentido dizer que é uma felicidade morrer antes que sobrevenham os males futuros, se ainda se é sensível, após a morte, a todas as calamidades humanas? Ou isto é mesmo um erro e devemos acreditar na perfeita quietude daquilo que atormenta a vida inquieta dos vivos?

---

[30] Salmo 26: 10.
[31] Isaías 63: 16

Por que então Deus prometeu ao piedosíssimo rei Josias, como um grande bem, retirá-lo do mundo antes que viesse recair sobre o povo e seu país os males com que ele os ameaçava?

O Senhor se expressa nestes termos: *Dir-lhe-eis: "Isto diz o Senhor: 'Porque ouviste as palavras do livro e o teu coração se abrandou e te humilhaste diante do Senhor ao ouvir minha sentença contra esse lugar e contra os seus habitantes, condenando-os a ser objeto de espanto e de maldição, porque rasgaste as tuas vestes e choraste diante de mim, eu também te ouvi, diz o Senhor. Por isso vou reunir-te a teus pais e serás sepultado em paz no teu sepulcro, para que os teus olhos não vejam as calamidades que vou mandar sobre essa terra'"*[32].

Assustado com as ameaças de Deus, esse rei chorou, dilacerou suas roupas e se tranquilizou, com relação aos males futuros, com o anúncio de sua morte prematura. Ele repousaria em paz, de tal modo que não veria nenhum desses males anunciados.

Assim, os mortos estão em um lugar onde não veem o que se passa ou acontece com as pessoas nesta vida. Como então eles podem ver seus túmulos ou seus corpos? Como podem ver se estão sepultados ou se jazem sem sepultura? Como eles podem tomar parte das misérias dos vivos?

---

[32] 2 Reis 22: 18-20.

Ou eles bem sofrem seus próprios castigos, se os mereceram ou bem, segundo a promessa feita a Josias, eles repousam em paz em lugares onde não sentem nenhum sofrimento, nem neles mesmos e nem pelos outros, porque estão livres desses males que neles mesmos suportaram e nos outros, durante esta vida terrena.

17 – O pedido do rico mau e a resposta de Abraão.

Mas, alguém questionará: “Se os mortos não têm nenhuma preocupação com os vivos, como é que o rico mau, atormentado no inferno pediu ao patriarca Abraão que enviasse Lázaro aos seus cinco irmãos ainda vivos, para preveni-los, para que eles não viessem, por sua vez, parar no lugar dos tormentos?”

Mas eu perguntaria: “Segue-se das palavras do rico mau que ele sabia o que seus irmãos faziam ou sofriam naquele mesmo instante?”

Ele se interessava pelos vivos, embora ignorasse o que se passava com eles, assim como nós nos interessamos pelos mortos, sem saber o que eles fazem. De fato, se não tivéssemos nenhum interesse pelos mortos, certamente não dirigiríamos súplicas por eles para Deus.

Por fim, Abraão não enviou Lázaro aos vivos e respondeu, pelo contrário, que eles tinham Moisés e os Profetas e que eles tinham que escutá-los, para serem preservados dos suplícios.

Aqui nós nos perguntamos novamente como o patriarca Abraão ignorava o que se passava aqui embaixo. Ele sabia que Moisés e os Profetas __ ou seja, seus livros __ estavam aqui e que, se suas prescrições fossem obedecidas, evitavam-se os tormentos do inferno. Ele sabia, por fim, que o rico mau tinha vivido nas delícias e o pobre Lázaro nos sofrimentos e nas dores, pois ele diz também ao primeiro: *Filho, lembra-te de que recebeste teus bens em vida, mas Lázaro, males. Por isso ele agora aqui é consolado, mas tu estás em tormento*[33].

Portanto, vemos aqui que ele sabia de algo referente aos vivos e não aos mortos. Mas ele não soube disso no momento em que acontecia com os vivos. Ele poderia tê-lo sabido através de Lázaro, que o teria informado sobre os mortos.

Isto é o que se pode dizer, para não fazer mentir o Profeta que disse: *Abraão, de fato, nos ignora e Israel não nos conhece.*

18 – Como os mortos podem saber sobre os vivos.

É preciso reconhecer então que os mortos não sabem das coisas deste mundo, ao menos no momento em que elas acontecem. Mais tarde, elas podem até saber delas por aqueles que, ao morrerem, se vão daqui para se juntar a eles e não saber de todas as coisas, mas

[33] Lucas 16: 25.

somente das coisas que estes podem se lembrar e, por consequência, lhes informar e que é necessário que eles saibam.

Os mortos podem ainda saber alguma coisa do que se passa aqui através dos anjos que aqui estão presentes e eles os informam na medida julgada conveniente por Aquele a quem tudo está submetido, pois, se os anjos não pudessem estar presentes nos lugares habitados pelos vivos e pelos mortos, o Senhor Jesus poderia ter dito: *Ora, aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para junto de Abraão*[34]?

Podiam então estar, uma hora aqui e outra hora lá, aqueles que transportaram Lázaro obedecendo a ordem de Deus.

Os mortos têm também outro meio de saber algumas das coisas deste mundo, que é necessário a eles ou aos outros saber, que é a revelação do Espírito Santo. Através dela, eles podem conhecer não apenas o passado e o presente, mas também o futuro.

Este foi o caso, não de todas as pessoas, mas somente dos Profetas enquanto eles viviam neste mundo. Todavia, eles não sabiam de todas as coisas, mas somente daqueles que a Divina Providência julgou necessário revelar-lhes.

Pode acontecer também que os mortos sejam enviados para o meio dos vivos, como aconteceu, em um sentido inverso, São Paulo

[34] Lucas 16: 22.

ser arrebatado do meio dos vivos *até o terceiro céu*[35]. As divinas Escrituras atestam isto.

De fato, o profeta Samuel, morto, prevê o futuro para o rei Saul, vivo[36]. Segundo muitos, eu sei, o Profeta em pessoa não podia ser invocado pela arte da magia e foi algum espírito maligno cúmplice das ações perversas do rei que fez aparecer uma imagem do Profeta.

Mas o Livro do Eclesiástico __ que dizem ter sido escrito por Jesus, filho de Sirac e que muitos atribuem a Salomão, por causa de certa semelhança de estilo __ conta, entre os louvores dos antigos pais, que Samuel profetizou mesmo após sua morte[37].

Você quer contestar a autoridade deste livro porque ele não está no cânon dos hebreus? Então se objetará contra o fato de que Moisés, que morreu no Deuteronômio[38] e que no Evangelho apareceu aos vivos com Elias, que não morreu[39]?

19 – O auxílio dos mártires aos vivos.

Temos assim os elementos necessários para resolver este problema: já que, em tese geral, os mortos ignoram o que fazem os vivos, como os mártires intervêm nos assuntos humanos, como provam seus benefícios para com aqueles que os invocam?

---

[35] 2 Coríntios 12: 2.
[36] Cf. 1 Samuel XXVIII, 7-20.
[37] Cf. Eclesiástico 46: 23.
[38] Cf. Deuteronômio 34: 5.
[39] Cf. Mateus 17: 3.

De fato, o confessor Félix __ cujo túmulo recebe de vocês uma devota afeição __ não apenas fez sentir sua intervenção através de benefícios reais, como apareceu aos próprios olhos humanos, quando Nola estava cercada pelos bárbaros. Nós soubemos disto, não através de rumores incertos, mas por testemunhos irrecusáveis.

É preciso reconhecer que esses fenômenos divinos acontecem totalmente fora da ordem costumeira que rege cada espécie de criatura.

A água foi transformada em vinho no momento em que o Senhor quis[40]. Esta é uma razão para que apreciemos as propriedades da água e o lugar que ela ocupa na ordem dos elementos, segundo este raro, ou melhor, este único milagre?

Lázaro ressuscitou[41]? Segue-se que todo morto ressuscita quando quer ou que aqueles que dormem nos túmulos podem ser despertados pelos vivos, como aqueles que dormem em seus leitos o são por aqueles que estão acordados?

Uma coisa são os limites das coisas humanas e outra coisa são os sinais das virtudes de Deus. Uma coisa é o que acontece naturalmente e outra coisa é o que acontece milagrosamente. Deus está presente quando a natureza opera e a natureza não se afasta, quando o milagre acontece, por sua vez.

---

[40] Cf. João 2: 9.
[41] Cf. Jean 11: 44.

Assim, porque os mártires intervêm junto a algumas pessoas, para curá-las ou socorrê-las, não se segue que todos os mortos possam intervir nos assuntos dos vivos. Pelo contrário, como os mortos não podem intervir assim, em virtude de suas próprias naturezas, esses fatos nos dão a compreender que é ao poder divino que se deve atribuir a ação dos mártires sobre os assuntos dos vivos.

20 – Como os mártires auxiliam os vivos.

De que maneira aconteceu essa intervenção, da qual não se pode duvidar? Como os mártires vêm em ajuda daqueles que são certamente objeto de sua proteção?

Esta é uma questão que ultrapassa as forças do meu intelecto.

Eles mesmos estão presentes pessoalmente, no mesmo momento, nos lugares mais diversos e afastados uns dos outros, junto aos seus monumentos e em toda parte onde sua intervenção se faz sentir?

Ou eles permanecem nas moradas preparadas por seus méritos, longe de qualquer contato humano, rezando em geral para todas as necessidades dos suplicantes, como nós rezamos pelos mortos, sem estarmos juntos a eles e sem sabermos onde eles estão e nem o que fazem e nesse tempo o Deus onipotente, presente em toda parte, sem estar circunscrito a nós e nem afastado de nós, ouve as preces dos mártires e, por intermédio dos anjos que penetram em todos os luga-

res, distribui os alívios àquelas pessoas que ele julga dignas deles neste vale de lágrimas?

É desta maneira que, com seu admirável poder e sua inefável bondade, ele exalta os méritos dos seus mártires, onde ele quer, quando ele quer e como ele quer, mas, sobretudo, como vemos através de seus túmulos, porque ele sabe que isso nos é necessário para exaltar a fé de Jesus Cristo, que eles confessaram sofrendo?

Mas, repito, esta é uma questão, um tema muito elevado para que eu possa alcançar e muito obscuro para que eu possa aprofundar.

Enfim, é mesmo a presença dos mártires ou são os anjos que vêm substituí-los? É um dos dois casos ou são os dois casos, ou seja, uma hora um e outra hora outro?

Isto é o que não ouso decidir e prefiro interrogar aqueles que sabem, pois alguém sabe e não é aquele que acha que sabe, mas que ignora de fato.

Trata-se aqui dos dons de Deus e Deus os distribui como ele quer, segundo o que diz o Apóstolo, ao falar da maneira como o Espírito Santo se manifesta a cada um para a utilidade de todos:

A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum. A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, por esse mesmo Espírito; a outro, a fé, pelo mesmo Espírito; a outro, a graça de curar as doenças, no mesmo Espírito; a outro, o dom de milagres; a outro, a profecia; a ou-

tro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas. Mas um e o mesmo Espírito distribui todos estes dons, repartindo a cada um como lhe apraz[42].

Entre todos estes dons espirituais enumerados pelo Apóstolo está, então, o *discernimento dos espíritos*. Todo aquele que o recebeu conhece as coisas que falamos como é preciso conhecer.

21 – O monge João e os mártires Gervásio e Protásio.

Este foi o caso do monge chamado João, que consultou Teodósio, o antigo, sobre a saída da guerra civil, pois ele tinha também o dom da profecia. Eu não duvido que todos possam receber algum desses dons e até mesmo que uma só pessoa possa ter vários deles.

Esse João então soube que uma mulher muito religiosa estava atormentada por um vivo desejo de vê-lo e pressionava seu marido para que lhe fizesse este pedido. João recusava, porque jamais tinha permitido que mulheres o visitassem.

O marido insistiu vivamente. “Vá dizer à sua mulher que ela me verá esta noite, mas em sonho”, disse João, por fim, ao marido.

Foi o que aconteceu e ele deu todos os conselhos que convinham a uma esposa fiel. Quando ela despertou, ela descreveu ao seu

[42] 1 Coríntios 12: 7-11.

marido o homem que ela tinha visto e era exatamente aquele que ele conhecera. Ela lhe contou, além disso, tudo o que ele lhe havia dito.

Eu soube destes fatos através de uma pessoa que os soube dos próprios personagens. É uma pessoa séria, nobre e perfeitamente digna de fé.

Mas, se eu mesmo tivesse visto o santo monge, que, dizem, escutaria bem pacientemente todas as questões que lhe fossem propostas e responderia a todas com uma sabedoria florescente, eu o teria interrogado, certamente, e lhe teria colocado questões análogas às que nos ocupam. Teria sido ele mesmo que tinha aparecido à essa mulher durante seu sono, ou seja, foi seu espírito com a imagem do seu corpo, como nós mesmos vemos em sonho? Essa visão tinha acontecido enquanto ele estava acordado e ocupado com outra coisa ou, se ele dormia, sonhava com outra coisa ou então ele lhe apareceu através de um anjo ou de qualquer outra maneira? Por fim, ele soube dos fatos antecipadamente, através de uma revelação do Espírito Santo e até o ponto de poder ter segurança sobre ela?

Se a mulher o viu em sonho, enquanto ele estava ocupado com outra coisa ou adormecido e tendo outros sonhos, este fato tem sua contrapartida nos Atos dos Apóstolos. Foi desta maneira, de fato, que o Senhor Jesus, ao falar de Saulo com Ananias, lhe mostrou que Sau-

lo o tinha visto em sonho indo ao seu encontro, enquanto o próprio Ananias não sabia de nada sobre isso[43].

Fosse qual fosse a solução que o homem de Deus tivesse me dado, eu o teria imediatamente interrogado sobre os mártires. Eles aparecem pessoalmente nos sonhos ou é de qualquer outra maneira que eles são vistos sob a forma que lhes apraz tomar, particularmente quando os demônios que possuem as pessoas confessam que são atormentados por eles e lhes pedem misericórdia? Ou essas aparições acontecem, como um sinal da vontade divina, através das potências angélicas, para a honra e a consideração dos santos e para a utilidade das pessoas, enquanto os mártires, desfrutando do soberano repouso, se dedicam a contemplações muito mais elevadas e melhores, separados de nós, mesmo rezando por nós?

Em Milão, junto aos santos mártires Gervásio e Protásio, os demônios chamaram Ambrósio, ainda vivo, pelo nome dele, como também a estes santos mortos e lhe pediram que não os atormentasse, enquanto ele mesmo, ocupado em outro lugar, não sabia de nada do que acontecia.

Por fim, eu perguntaria a João se algumas aparições aconteceram com a presença mesma dos mártires e outras com a dos anjos. Depois, se podemos e com que sinais, distinguir umas das outras ou então se somente aqueles que receberam este dom do Espírito Santo,

[43] Cf. Atos 9: 10-15.

que atribui a cada um o que lhe apraz, podem reconhecê-las e distingui-las.

João, eu acho, trataria de todas estas questões como eu desejo e então eu seria instruído por suas palavras de mestre e teria o conhecimento e a certeza das verdades que ele me ensinasse. Ou então eu acreditaria, diante de suas palavras de sábio, no que não poderia se tornar objeto da minha ciência.

Se ele me respondesse através do texto da Escritura: *Não procures o que é elevado demais para ti; não procures penetrar o que está acima de ti. Mas pensa sempre no que Deus te ordenou. Não tenhas a curiosidade de conhecer um número elevado demais de suas obras, pois não é preciso que vejas com teus olhos os seus segredos*[44], eu também lhe daria graças, pois, quando se trata de coisas obscuras e incertas, que não podemos compreender, não é uma vantagem menor adquirir a certeza evidente da inutilidade das nossas buscas e saber que uma coisa que se acredita ser útil conhecer e que se gostaria de saber, pode ser ignorada sem inconveniente.

22 – Os melhores cuidados para com os mortos.

Concluindo, estejamos certos de que só chegamos aos mortos aos quais prestamos os cuidados, através do altar, da prece e das boas obras. Estas são as súplicas solenes e os sacrifícios que lhes são úteis.

[44] Eclesiástico 3: 22 e 23.

Sem dúvida que isto não beneficia a todos, mas apenas àqueles que mereceram ser socorridos desta maneira, enquanto viviam. Como não podemos fazer esta distinção, devemos cumprir estes deveres para com todos os que foram regenerados, para evitarmos nos omitir para com aqueles aos quais eles podem e devem ser úteis. Mais vale cumprir estes deveres para com aqueles que não podem se beneficiar e nem se arruinar com eles do que deixar de cumpri-los para com aqueles que se beneficiariam com eles.

Todos devem ter esses cuidados para com seus próximos com tanto zelo quanto deseja merecer assim receber futuramente os mesmos cuidados.

Quanto aos cuidados com o sepultamento do corpo, quaisquer que eles sejam, eles não são de nenhuma ajuda para a salvação, mas são um dever de humanidade, fundamentado no sentimento em virtude do qual *ninguém jamais odiou a própria carne*[45].

Assim, devemos, na medida do possível, ter esses cuidados para com a carne dos nossos semelhantes, quando eles as deixarem. Aqueles que não acreditam na ressurreição da carne não faltam com este dever. Com muito mais razão os fiéis devem cumpri-los com relação a um corpo morto, é verdade, mas destinado à ressurreição e uma duração eterna. Além disso, não atestaremos com isso nossa fé na ressurreição?

---

[45] Efésios 5: 29.

Quanto a sepultar os corpos junto aos memoriais ou monumentos aos mártires, eu não vejo pessoalmente que os defuntos possam retirar disso outro socorro além daquele da pia afeição que os recomenda à proteção dos mártires e que, com isso, se suplique por eles com mais fervor.

23 – Conclusão.

Esta foi a resposta que esteve em meu poder dar à questão que você considerou que devia me colocar. Se ela foi mais longa do que convinha, perdoe-me. Eu a fiz assim porque fiquei feliz em conversar com você por mais tempo.

Escreva-me, eu lhe peço, para que eu saiba qual foi a acolhida dada por seu venerável amor a este livro que, sem dúvida, o agradará ainda mais, em consideração àquele que o levará. Eu falo do nosso copresbítero Candidiano, que sua carta me fez conhecer. Eu o acolhi com todo meu coração e não o deixo ir sem pesar, pois ele nos consolou muito, no amor de Cristo, enquanto esteve junto a nós e eu confesso que foi por insistência dele que você foi obedecido.

Meu coração está agitado por tão graves preocupações que, sem suas recomendações assíduas, minha memória teria falhado e sem dúvida você não teria recebido a resposta à sua questão.

Sermão 172

Nossos deveres para com os mortos.

Irmãos, não queremos que ignoreis coisa alguma a respeito dos que dormem, para que não vos entristeçais, como as outras pessoas que não têm esperança[46].

Análise

É preciso chorá-los, pois nossa natureza assim o quer. Mas chorá-los com confiança, pois a religião exige. É preciso, sobretudo, consolar, com santos sacrifícios, as preces e as boas obras, aqueles dentre os mortos que mereceram, durante sua vida, poder se aproveitar destes socorros e, se é louvável fazer para eles belos funerais e erguer monumentos para perpetuar sua lembrança, melhor ainda é socorrê-los por todos os meios.

01 – Quando a aflição pelos mortos é proibida.

Ao nos falar daqueles que dormem, ou seja, dos nossos bem-amados defuntos, o bem-aventurado Apóstolo nos recomenda não nos afligirmos como aqueles que são sem esperança, ou seja, que não contam com a ressurreição e nem com a incorruptibilidade sem fim.

[46] 1 Tessalonicenses 4: 13.

Assim, quando comumente a infalível verdade da Escritura compara a morte ao sono é para que, com a ideia do sono, não percamos a esperança pelo despertar.

É por isso também que cantamos em um Salmo: *Será que aquele que dorme não mais se levantará?*[47]

A morte então, quando se ama, causa uma tristeza totalmente natural, pois é da natureza humana e não da imaginação, ter horror à morte e o ser humano não morreria, se não fosse o castigo merecido pelo seu crime.

Se, aliás, os animais, que são criados para morrer, cada um em seu tempo, fogem da morte e procuram a vida, como o ser humano não fugiria dela, já que foi formado para viver eternamente, se não tivesse pecado?

Daí vem que nós nos entristecemos inevitavelmente quando a morte nos separa daqueles que amamos. Sabemos, sem dúvida, que eles não nos deixam aqui para sempre e que eles só nos antecederam um pouco. No entanto, quando recai sobre aqueles que amamos, a morte, que horroriza naturalmente, entristece em nós o próprio amor.

Assim, o Apóstolo não diz para não ficarmos tristes, mas que não fiquemos desolados, *como as outras pessoas que não têm esperança*. Ficamos na dor quando a inevitável morte nos separa dos nossos, mas temos a esperança de nos unirmos a eles.

---

[47] Salmo 40: 9.

É isto o que produz em nós, de um lado, a dor e, do outro, o consolo; o abatimento que vem da fraqueza e o vigor que dá a fé; a dor que sente nossa natureza e a cura que asseguram as divinas promessas.

02 – A prece, o sacrifício da salvação e a boa obra em intenção ao falecido.

Por consequência, as pompas fúnebres, as procissões imensas, as despesas feitas para a sepultura, a construção de monumentos esplêndidos, são, para os vivos, um consolo, propriamente. Mas, eles não servem para nada aos mortos.

Mas as preces da santa Igreja, o sacrifício para nossa salvação e as boas ações feitas em intenção às almas dos mortos, obtém, para eles, sem nenhuma dúvida, que o Senhor os trate com mais clemência do que mereceram seus pecados.

De fato, a tradição de nossos pais e a prática universal da Igreja querem que, fazendo no momento prescrito e durante o próprio sacrifício, a recordação dos fiéis que estão mortos na comunhão com o corpo e o sangue de Jesus Cristo, reza-se por eles e proclama-se que para eles se sacrifica.

Então, se para recomendá-los a Deus fazem-se obras de caridade, quem poderia duvidar de que eles se beneficiam disto, quando é impossível que se reze em vão por eles? É incontestável que tudo

isso serve para os mortos, mas para os mortos que mereceram, antes de sua passagem, poder tirar vantagem depois dela.

Há mortos que deixaram seus corpos sem terem *a fé que opera pelo amor*[48] e sem estarem munidos dos sacramentos da Igreja. É em vão que seus amigos lhes prestam os deveres de piedade, já que eles não possuíam, durante suas vidas, o próprio penhor da piedade, ou porque não o receberam ou porque, mesmo o recebendo, acumularam tesouros de ira e não de misericórdia.

Não creiam, portanto, que os mortos adquirem novos méritos quando se faz o bem em intenção a eles. Esse bem é, de certa forma, a consequência de seus méritos anteriores. Só se beneficiam aqueles que mereceram em vida encontrar um alívio depois da morte. Só se poderá receber depois da morte o que se foi digno de receber antes dela.

03 – O luto e os deveres para com os mortos.

Deixemos então os corações devotos chorarem a morte de seus próximos e derramarem sobre eles as lágrimas provocadas pela visão do que eles sofreram. Apenas que sua dor não seja inconsolável e que, às doces lágrimas, suceda logo a alegria que dá a religião, ao nos mostrar que, se os fiéis se afastam de nós nos poucos momentos da morte, é para passarem para um estado melhor.

[48] Gálatas 5: 6.

Quero também que levemos a eles consolações fraternais, seja participando dos seus funerais, seja nos dirigindo diretamente às suas dores e que eles não tenham motivo para se queixarem e dizerem: *Esperei em vão quem tivesse compaixão de mim, quem me consolasse e não encontrei*[49].

Todos podem, de acordo com seus recursos, fazer funerais e construir túmulos. As Escrituras consideram isto como boas obras. Ela louva e exalta não apenas aqueles que cumpriram seus deveres para com os Patriarcas, para com os santos e para as outras pessoas indistintamente, mas também àqueles que honraram desta maneira o corpo sagrado do Senhor.

Isto é, para os vivos, um último dever para com os mortos e um alívio para sua própria dor. Quanto ao que diretamente beneficia as almas dos mortos __ ou seja, as oferendas sagradas, as preces e as distribuições de esmolas __ que eles se dediquem com muito mais cuidado, perseverança e generosidade, se eles têm para com seus próximos, cujos corpos estão mortos, mas não as almas, um amor verdadeiramente espiritual e não apenas um amor carnal.

[49] Salmo 68: 21.

Créditos

© 2022 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil. Toda cópia e divulgação são autorizadas, desde que citada a fonte.

Traduzido de *Des devoirs a rendre aux morts*, traduzido do latim para o francês pelo Sr. Defourny e *Sermons*, traduzido do latim para o francês pelo Abade Raulx, em *Œuvres complètes de Saint Augustin*, organizada pelo Abade Raulx, Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1864-1873, por Souza Campos, E. L. de.

Cotejado com as versões em italiano e espanhol, da Ordem de Santo Agostinho.

Conteúdo

Os cuidados para com os mortos 1
Análise 1
O caso do saque de Roma 2
01 – Preâmbulo. 2
02 – Os sufrágios beneficiam os que viveram bem. 3
03 – As orações da Igreja. 4
04 – O saque de Roma. 6
05 – Porque é louvável sepultar os mortos. 9
A importância do lugar da sepultura e os cuidados para com os mortos 12
06 – O benefício de um sepultamento junto a um mártir. 12
07 – O que um lugar santo acrescenta à sepultura. 14
08 – O lugar da sepultura não tem importância para a vida eterna. 16
09 – A própria natureza pede respeito e piedade para com os mortos. 17
10 – Os mártires venceram também o afeto natural pela sepultura. 21
11 – A Escritura louva a piedade para com os defuntos. 23
12 – As aparições de mortos nos sonhos. 24
13 – Os casos de Milão e Cartago. 26
14 – As visões dos doentes mentais. 28
15 – As visões do curial Curma. 29
16 – As almas dos mortos não sabem o acontece com os vivos. 33
17 – O pedido do rico mau e a resposta de Abraão. 36
18 – Como os mortos podem saber sobre os vivos. 37
19 – O auxílio dos mártires aos vivos. 39
20 – Como os mártires auxiliam os vivos. 41
21 – O monge João e os mártires Gervásio e Protásio. 43
22 – Os melhores cuidados para com os mortos. 46
23 – Conclusão. 48
Sermão 172 49
Análise 49
01 – Quando a aflição pelos mortos é proibida. 49
02 – A prece, o sacrifício da salvação e a boa obra em intenção ao falecido. 51

03 – O luto e os deveres para com os mortos. 52
Créditos 54
Conteúdo 55